

A inversão dialética do cotidiano. Situando *Capturados pela cidade* na temática urbana contemporânea

Jorge de La Barre

Doutor em Sociologia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2004). Atualmente é professor do departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF/GSO), pesquisador do LeMetro/IFCS-UFRJ (Laboratório de Etnografia Metropolitana), e membro do Urban Culture Studies Collective (University of California, Davis).

Resumo

Este artigo é uma tentativa de contextualizar a publicação do livro *Capturados pela cidade: perspectivas em estudos de cultura urbana* (2013) na produção acadêmica atual nos Estados Unidos. São discutidas as diferenças e especificidades entre os recentes Estudos de cultura urbana e Estudos culturais urbanos, em relação às Ciências sociais e às Humanidades, e considerando a relevância das releituras dos trabalhos de Michel de Certeau e Henri Lefebvre que eles propõem.

Palavras-chave: Estudos de cultura urbana, Estudos culturais urbanos, Michel de Certeau, Henri Lefebvre, Estados Unidos.

Abstract

This paper is an attempt to contextualize the publication of the book *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies* (2013) within the contemporary academic production in the US. Differences and specificities between the recent Urban Culture Studies and Urban Cultural Studies are discussed in relation to Social Sciences and the Humanities, and considering the relevance of the re-readings of the works of Michel de Certeau and Henri Lefebvre that they propose.

Keywords: Urban culture studies, Urban cultural studies, Michel de Certeau, Henri Lefebvre, United States.

Estudos de cultura urbana e Estudos culturais urbanos

Dois campos de pesquisa urbana emergiram recentemente nos Estados Unidos: os *Estudos de cultura urbana* de Blagovesta M. Momchedjikova,¹ e os *Estudos culturais urbanos* de Benjamin Fraser.² A semelhança entre os dois parece óbvia, mas encontramos universos teóricos e práticas interdisciplinares distintos – entre Ciências Sociais e Humanidades, Estudos urbanos e Estudos culturais –, como tentarei mostrar aqui. No desenvolvimento das duas abordagens ao longo dos últimos cinco anos podemos destacar os passos seguintes:

- 2010: Primeiro passo em direção aos Estudos de cultura urbana: Blagovesta Momchedjikova organiza uma edição especial da revista *Streetnotes*, “Urban Feel”, com 33 contribuições de vários horizontes acadêmicos e artísticos;³
- 2012: Primeiro passo em direção aos Estudos culturais urbanos: Benjamin Fraser cria o *Urban Cultural Studies blog*,⁴ um blog interdisciplinar de vários autores, “dedicado à(s) cultura(s) das cidades... espaço, tempo e vida cotidiana urbana em todo o mundo”;
- 2013: Publicação do livro *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*, editado por Momchedjikova, com 18 contribuições;
- 2014: Lançamento do *Journal of Urban Cultural Studies*, hoje na sua terceira edição;⁵
- 2015: Publicação do livro de Fraser, *Toward an Urban Cultural Studies. Henri Lefebvre and the Humanities*.

A tendência acadêmica norte-americana em dividir-se por áreas temáticas definidas em termos *culturais* é conhecida. Esta tendência deve muito à chegada dos Estudos culturais e da “*French Theory*” (CUSSET, 2005) nos

¹ Professora da New York University onde ensina arte, cidade e escrita; pesquisadora em Estudos de performance.

² Professor e Diretor do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da East Carolina University.

³ Notemos que desde 2004 Momchedjikova é diretora da “Cultura urbana”, uma das 38 áreas de pesquisa da MACAPA (Mid-Atlantic Popular and American Culture Association).

⁴ Urban Cultural Studies blog, <https://urbanculturalstudies.wordpress.com/>.

⁵ Journal of Urban Cultural Studies, <http://www.intellectbooks.co.uk/journals/view-Journal,id=225/>.

departamentos de línguas e literaturas a partir dos anos 1960, no contexto das lutas políticas pelo reconhecimento dos direitos das minorias. Geralmente, os conceitos e teorias oriundos de outros horizontes são recebidos pela academia norte-americana no modo pragmático, instrumental. A recepção dos Estudos culturais vai também valorizar expressamente uma interdisciplinaridade que se torna um discurso novo, uma narrativa emergente. No contexto da pós-modernidade, o relativismo cultural predomina: não existe (mais) uma verdade, mas uma infinidade de verdades relativas, contextuais, ou contextualizadas. Hoje, desde o advento das novas tecnologias e da “tecnocultura” (PENLEY e ROSS, 1991), o foco nas *narrativas* – conceito-chave dos Estudos culturais na sua vertente semiológica, dominante nos Estados Unidos – é indiscutível. Tanto na academia como na sociedade americanas, a “virada cultural” (JAMESON, 2006) é decisiva. Ela continua influente no surgimento, décadas depois, dos Estudos de cultura urbana e Estudos culturais urbanos.

Manifestos interdisciplinares

Em ambos os casos encontramos uma introdução-manifesto,⁶ uma vontade de lançar uma nova área de pesquisa (e quem sabe, uma nova disciplina), aliada a uma vontade de ampliar o questionamento urbano a partir da multiplicação dos pontos de vista e argumentos teóricos. São esses argumentos teóricos que apresentarei e discutirei rapidamente aqui.

Temos por um lado a hipótese de uma “cultura urbana”,⁷ e por outro lado, os Estudos culturais urbanos que se constituem “*misturando Estudos urbanos e Estudos culturais*” (FRASER, 2015, verso do livro).⁸ Ambos são pri-

⁶ Ver incluso no presente dossiê o texto de Blagovesta M. Momchedjikova, “Capturados pela cidade. Perspectivas em Estudos de cultura urbana”; Fraser, 2014.

⁷ Além da “cultura urbana”, lembremos as várias áreas culturais estabelecidas no vasto campo dos Estudos culturais: “cultura juvenil”, “cultura visual”, “cultura auditiva”, “cultura de empresa” etc., sem falar da infinidade de “subculturas” e outras “pós-subculturas”. Ver, por exemplo, respectivamente Brake, 1985; Mirzoeff, 1998; Bull e Back, 2003; Livingston, 1995; Muggleton, 2000; Muggleton e Weinzierl, 2003.

⁸ Em Dering (1993) por exemplo, os Estudos culturais são definidos a partir das temáticas: “Espaço e tempo”; “Nacionalismo, pós-colonialismo e globalização”; “Etnicidade e multiculturalismo”; “Ciência e cibercultura”; “Sexualidade e gênero”; “Carnaval e utopia”; “Consumo e mercado”; “Lazer; Cultura – economia política e políticas”; “Mídia e esferas públicas”. Aqui, os Estudos culturais urbanos são particularmente próximos da primeira temática, “Espaço e tempo”. Sobre Estudos culturais, ver também o clássico Grossberg, Nelson, e Treichler, 1991.

meiramente *Manifestos interdisciplinares* que reivindicam uma dupla, se não múltipla, ancoragem nas Ciências Sociais e nas Humanidades.

Sem dúvida, os Estudos de cultura urbana bebem na fonte das Ciências Sociais – uma Ciência Social que considera (desde a Escola de Chicago) a etnografia como metodologia e a compreensão sociológica como epistemologia:

Diferentes disciplinas – sociologia, antropologia, estudos de performance, história da arquitetura, linguística, estudos de mídia e poética documentária, para citar apenas algumas – se cruzam para moldar um campo de pesquisa único – os Estudos de cultura urbana. Esta abordagem em perspectivas múltiplas nos concede uma compreensão mais abrangente de como inscrevemos as cidades, e como por outro lado as cidades nos inscrevem: quando as planejamos, habitamos, recordamos – na realidade ou em sonhos. (MOMCHEDJIKOVA, 2013, verso do livro – tradução nossa).

Já os Estudos culturais urbanos se apresentam como uma reinterpretção da obra de Henri Lefebvre pelas Humanidades. Assim o livro de Fraser (2015), *Toward an Urban Cultural Studies* quer ser:

uma chamada para uma nova área interdisciplinar de pesquisa e ensino. (...) o livro ancora os leitores na extensa teoria do filósofo francês prolífico Henri Lefebvre. (...) a primeira parte (...) elabora a partir de uma introdução geral a Lefebvre e sua contribuição metodológica em direção a um foco no conceito de alienação urbana e sua teoria pouco explorada da obra de arte. A segunda metade mescla o pensamento urbano de Lefebvre com estudos literários, estudos de cinema e estudos de música popular, sucessivamente, antes de tornar-se para o videogame e as humanidades digitais. A abordagem de Benjamin Fraser enfatiza constantemente a inter-relação entre cidades, cultura e capital. (verso do livro – tradução nossa).

É importante entender as interdisciplinaridades contemporâneas e suas origens. Além da sua especialização (etnografia, *community studies*, trabalho social), a velha Ecologia urbana da Escola de Chicago (o homem e/no seu ambiente) encontra, por razões óbvias, um forte eco nas Humanidades, que também refletem sobre o *self* e/na cidade. A contribuição de Simmel (1973,

2005), há mais de um século (“Metrópole e mentalidade” é de 1903), continua uma referência essencial. Entretanto, como veremos, a experiência urbana contemporânea não pode ser entendida sem referência à “virada cultural” e à tecnocultura. Com esses dois fatores principalmente, a relação *self/cidade* vai ganhando vozes, mediadores, intermediários, interfaces, e extensões virtuais. Os dispositivos tecnológicos, todos de “mediação imediata” paradoxalmente (realidade virtual, realidade aumentada, redes sociais, nova mídia, etc.), vão hibridizando a experiência urbana, relativizando-a. Virtualmente, o *flâneur* baudelairiano torna-se um “*e-flâneur*”. Afinal, talvez a interdisciplinaridade atual seja apenas um modo de lidar com uma complexidade urbana aumentada. Sente-se a necessidade de superar uma divisão talvez obsoleta, entre conceito, metáfora, e prática (Filosofia, Humanidades, e Ciências sociais).

Flâneurs, “e-flâneurs” e performances

Ao metaforizar repetidamente qualquer sujeito ou agente em um “*Übermensch*”, a “cultura dos Estudos culturais” (SCHWARTZ, 2000) tem de fato alguma dificuldade em pensar a experiência urbana, além do *cliché* baudelairiano ou simmeliano do *flâneur*, livre de vaguear entre ruas ou *boulevards*. Faltariam pelo menos alguns antagonismos. Como disse Raymond Williams, “A maior ênfase em distinções de valor em todas as coisas que o homem faz, não é uma ênfase na desigualdade de ser.” (citado em Schwartz, *op. cit.*, p. 104 – nossa tradução).

Mais ainda em tempos de tecnocultura, o “*e-flâneur*” não foge desse modelo ideal *nec plus ultra* da livre circulação do indivíduo agora conectado (consigo próprio!) graças ao *iPhone*, *smartphone* ou qualquer outro dispositivo tecnológico cuja característica principal é de brincar com as fronteiras (supostamente estabelecidas) entre espaços público e privado. Essa “experiência urbana” (BULL, 2007) vai sendo definida (e elogiada!) acriticamente do ponto de vista exclusivo de um indivíduo que se encontra num *challenge* permanente e meio solipsístico. Contrariamente ao núcleo duro tradicional da Ecologia urbana (sempre encontramos *uma comunidade* entre o indivíduo e a cidade), a dimensão social crítica tende a diluir-se na “virada cultural” e mais ainda

na tecnocultura, numa infinidade de subculturas cujo horizonte último é repetidamente e sem surpresas, o próprio indivíduo, fosse ele mais ou menos híbrido, mais ou menos *cyborg*.

Nos Estudos culturais urbanos de Fraser, a ambição interdisciplinar estendida (“aumentada”?) das Humanidades para as “Humanidades digitais” revela um mesmo desejo de abraçar *toda* a produção cultural e tecnocultural e – quem derá – (re)encontrar Lefebvre em *todos* os estudos literários, de cinema, de música popular, e no *videogame*. *Game over?!*

Com a dimensão situada, interacionista das práticas e *performances* cotidianas, os Estudos de cultura urbana por seu lado, não caem na rede/armadilha hipertextual/culturalista. No contexto atual de hipermediação, uma ideia das mais originais encontra-se na introdução-manifesto de Momchedjikova (2013): a conexão permanente (redes *wi-fi*, *internet*, *3G*, telinhas e telões de celular e televisão, etc.) é um desafio para Estudos de cultura urbana que pretendem fundar os seus princípios epistemológicos na observação direta, privilegiando a etnografia e a compreensão fenomenológica das interações entre cidade, memória e afetos. Mesmo distraídos, cativados pelas telinhas, continuamos de fato “capturados pela cidade”. Em tempos de imersão digital, Momchedjikova reafirma a importância de ficarmos atentos à *cidade real*. Assim entendemos a dupla aposta dos Estudos de cultura urbana: na cotidianidade (*everydayness*), e na *performance* (entendida tanto no sentido de “representação do eu” goffmaniana, como de espetáculo-representação formal).⁹

De Lewis Mumford a Erving Goffman, a fascinação em considerar a cidade como um palco não é nova.¹⁰ Como lembrou Parker (2004, p. 155),

A noção de “cidade espetacular” ou a cidade como uma tela ou teatro no qual, e sobre a qual, imagens e representações são apresentadas para o desvio e diversão do público é tão antiga quanto a própria cidade. (tradução nossa).

⁹ Ambos, o cotidiano e a performance, são campos de estudos especializados nos Estados Unidos. Ver por exemplo Highmore, 2002a, 2002b; Carlson, 1996; Schechner, 2002; Bial, 2004.

¹⁰ A citação seguinte, de Lewis Mumford, é famosíssima: “Cada cultura tem seu drama característico. Ele escolhe a partir da soma total de possibilidades humanas certos atos e interesses, certos processos e valores, e dotá-los de significados especiais. O palco no qual este drama é encenado, com os mais qualificados atores e uma empresa de completo suporte e cenário especialmente concebido, é a cidade: é aqui que ele alcança o seu grau mais alto de intensidade.” (The Culture of Cities, 1938 – tradução nossa).

Nomeadamente a partir da recepção entusiasmada dos trabalhos de Michel de Certeau (1998) sobre o cotidiano, os Estudos culturais retomam o interesse pela *performance* cotidiana da/na cidade, e alargam o seu campo de aplicação. Os Estudos de *performance* vão considerar *todas* as *performances*: “programadas, espontâneas, ou mundanas” (MOMCHEDJKOVA, 2013, p. 4). Assentada na etnografia e na microsociologia (a cotidianidade como *performance*, o “aqui e agora” das práticas), a interdisciplinaridade dos Estudos de cultura urbana é distinta daquela dos Estudos culturais urbanos, concentrados na dimensão semiológica da produção cultural que têm a cidade/o urbano como pano de fundo ou cena principal (literatura, cinema, música, ou *videogames*). Revelando uma concepção do social *como texto* (na linha dos Estudos culturais cuja maior revista, significativamente, é a *Social Text*), os Estudos culturais urbanos promovem uma análise semiológica ampliada *ao urbano*. As narrativas, os textos se expandem virtualmente ao infinito, e além dos textos vêm os códigos: do texto ao hípertexto, e das Humanidades às Humanidades digitais, numa mesma vontade de abraçar todo o urbano. De forma geral nos Estados Unidos, os Estudos culturais acabaram se focalizando na *produção cultural*. Uma leitura exclusivamente semiótico-representativa os afastam da socio-antropologia crítica, mais centrada nas dinâmicas de consumo, de práticas culturais, ou de mercadorização.

A inversão dialética do cotidiano

Ao considerar o social ou a cultura como (híper)textos, os Estudos culturais relativizam a própria realidade, metaforizando-a. Uma filosofia semelhante anima os Estudos culturais urbanos. Ao reciclar a crítica lefebvriana do urbanismo como ideologia, eles acreditam na possibilidade de (re)constituir um Todo, uma totalidade (da experiência) urbana suscetível por sua vez de ser superada. Se temos de fato, em vários escritos de Lefebvre (1947, 1961, 1974, 1981, 1999, 2001), algo como uma “verdade urbana” de natureza filosófica, uma das lições básicas do marxismo é que a inversão dialética não pode surgir do idealismo. Neste sentido, a “ponte” que os Estudos culturais urbanos ousam entre Lefebvre e as Humanidades é frágil e insuficiente.

Por seu lado, o foco dos Estudos de cultura urbana na experiência vivida e situada n(um)a cidade concreta ou nos sentidos (“*Urban Feel*”) pode reencontrar a *performance* (no sentido amplo de unicidade, excecionalidade) como forma de resistência. Para Certeau, a “invenção do cotidiano” mostra o quanto na inventividade das práticas cotidianas está contido um potencial revolucionário irrecusável, sempre pronto para surgir. Se a inversão da ordem urbana é possível, é porque o cotidiano está cheio de possíveis: *performances*, estratégias (*ruses*), *détournements*.

Nesse sentido, a cultura urbana não é tanto o espelho da modernidade como a rachadura no vidro de uma modernidade que não é mais capaz de suportar o peso das suas próprias contradições. (PARKER, op. cit, p. 155 – tradução nossa).

A exigência etnográfica dos Estudos de cultura urbana reafirma o pressuposto empírico-fenomenológico segundo o qual não existe uma verdade separada, independente das práticas – todas devendo ser experimentadas em primeiro lugar, na sua singularidade, antes de serem documentadas, retranscritas de alguma forma: etnografia, poesia, escrita criativa (*creative writing*), filme, fotografia, etc.

Para os Estudos urbanos, a cidade era um objeto: objeto dos planejadores urbanos, dos formuladores de políticas, dos arquitetos. Na linha de Lefebvre como vimos, os Estudos culturais urbanos consideram o urbano como estrutura, processo geral, relação. Mesmo apenas como ideologia, existe de fato uma meta-categoria narrativa do urbano. Por seu lado, os Estudos de cultura urbana consideram a cidade como encontro dinâmico: todas as práticas, todas as *performances*, menores e singulares, contêm um potencial inesgotável. Não é a cidade dos signos, é a cidade dos sensos. Vivida ou sonhada, é a cidade com os seus “aqui e agora”, todos idiossincráticos por definição. Assim é reafirmada a necessária distinção entre cultura vivida e cultura como representação:

“(...) como inscrevemos as cidades, e como por outro lado as cidades nos inscrevem: quando as planejamos, habitamos, recordamos – na realidade ou em sonhos.” (MOMCHEDJIKOVA, op. cit.).

Se, desde Lewis Mumford, Louis Wirth, ou Jane Jacobs (entre outros!), a distinção entre registros ontológico e representacional das sociedades e culturas urbanas continua viva, é porque as duas dimensões estão interagindo em permanência:

o ambiente construído é o trabalho da humanidade e, portanto, uma expressão física de imaginação e criatividade. Ao mesmo tempo, a nossa imaginação e identidade são construídas em grande parte da matéria-prima da arquitetura da cidade, e da diversidade das populações que a fazem ressoar. (PARKER, 2004, p. 156 – tradução nossa).

O registro representacional – a cultura como representação – questiona o modo como nos representamos o habitat ao nível simbólico e estético, e como nele inscrevemos valores e significados. Já as culturas urbanas, as culturas da urbanidade, tentam responder a perguntas do tipo: qual o significado de ser um ator social na cidade? Como construímos nossos mundos sociais? Como reconhecemos e interagimos com outros membros do nosso habitat?

Agora, seguindo as premissas teóricas dos Estudos culturais urbanos e dos Estudos de cultura urbana, encontramos respectivamente em Lefebvre e Certeau duas influências decisivas: um Lefebvre “teórico” sobre o urbano, e um Certeau “prático” sobre o cotidiano. Com seu foco na *performance* e no “aqui e agora”, os Estudos de cultura urbana reencontram “a invenção do cotidiano” (CERTEAU, *op. cit.*). Mas é preciso lembrar o quanto esta deve à “produção do espaço” (LEFEBVRE, 1974).

Lembrando o carácter duplo do processo de urbanização (urbanização do capital e urbanização das consciências), Lefebvre retrança uma história do capitalismo que passa de uma fase de industrialização para uma fase de urbanização: a produção do espaço, cuja finalidade é garantir a circulação do capital. Resumindo muito grosseiramente a “crítica da vida cotidiana” (LEFEBVRE, 1947, 1961, 1981), temos no processo de urbanização uma colonização da vida, impregnada pela forma urbana do mercado de trocas, de produção e consumo. O urbanismo não passa de uma ideologia; a invenção do cotidiano é um produto da invenção do urbano, ou do processo de urbanização:

primeiro em termos de alienação e colonização, segundo em termos de potencialidade revolucionária. É aqui, na inversão dialética no cotidiano, que Lefebvre et Certeau se encontram.

A invenção do cotidiano de Certeau é uma extensão, uma consequência da produção do espaço lefebvriano. Apesar da uma crítica da vida cotidiana colonizada pela ideologia urbana, Lefebvre confere ao cotidiano o mesmo potencial de resistência, de inversão dialética que encontramos nas micropráticas de Certeau. Se não fosse na vida cotidiana, onde é que encontraríamos esse potencial dos acontecimentos, das irrupções de singularidades? Para Lefebvre, a fase de urbanização do capitalismo é também uma fase de revoluções urbanas. Assim, tanto Lefebvre como Certeau apontam para *détournements* secretos, táticas invisíveis, e estratégias *underground*. O quanto essas potencialidades devem ao imaginário de Maio 1968 é algo que deve ser lembrado: os *slogans* da época não ecoam ainda em nosso imaginário urbano? Os paradoxos que eles apontavam foram se banalizando, hoje parecem quase naturais. “*Debaixo dos pavimentos, a praia*”, “*Todo poder à imaginação*”, “*Sejamos realistas, exijamos o impossível*”, “*É proibido proibir*”,...

Lefebvre entendia o potencial da arte e da cultura como forma de resistência; o “direito à cidade” é em si uma noção revolucionária, mais atual do que nunca. Porém, as ferramentas conceituais de Certeau parecem mais adaptadas ao estudo empírico do cotidiano, tal como os Estudos de cultura urbana o concebem. A “heterologia” de Certeau é um convite a multiplicar os pontos de vista sobre a mosaica urbana e olhá-la *par en-dessous*. As implicações metodológicas são claras; a centralidade da etnografia leva de fato a uma “etnografia da subjetividade” (MITCHELL, 2007), particularmente adaptada do resto ao estudo das *performances*.

Prolongando os trabalhos de Goffman sobre a “representação do eu na vida cotidiana” (GOFFMAN, 2002) e a “invenção do cotidiano”, temos nos Estudos de cultura urbana uma micropolítica e micropráticas táticas da cidade. No cotidiano, a “revolução urbana” adota os contornos de uma revolução permanente, uma potencialidade radical diluída em todas as singularidades, formas de criatividade, manifestações culturais, e até no simples ato de passear (ver por exemplo

Kosnoski, 2010). Assim o espaço da cotidianidade é um estímulo para o estudo das práticas menores e minoritárias. Agora é preciso compreender o plano mais amplo da experiência urbana contemporânea e suas contingências.

Entre espaço público festivo e diáspora mental das redes

Um espectro assombra o *public space-making* (o desenho do espaço público): a sua privatização! Pelo menos desde Marx, sabemos que a propriedade privada é (desde sempre!) o horizonte do capitalismo. Pelo menos desde Lefebvre, sabemos que a lógica do capitalismo contemporâneo é de uma *espacialização*. A produção do espaço urbano resume-se a um processo de “criação destrutiva” permanente, cuja finalidade é sempre a valorização máxima do espaço. Esse processo é atravessado por forças antagônicas – convergentes (precarização, privatização, segregação, controle, vigilância, dominação), e divergentes (ocupação, apropriação, manifestação, resistência, “retomada”, revolução) que moldam o espaço.

É nessa fase “espacial” do capitalismo que a produção do espaço público como espaço *festivo* torna-se desejável, na medida em que o espaço festivo facilita o consumo controlado (e portanto o controle pelo consumo). Para retomar a expressão de Sharon Zukin, é “a pacificação pelo cappuccino”. Abandonados antes de serem recuperados, os velhos centros das cidades vão sendo revitalizados através da promoção de eventos culturais festivos (festivais, feiras etc.), que vão (espera-se!) atraindo novos “usuários” com poder de compra e capital simbólico significativamente elevados.

Considerando a extrema complexidade do processo, perguntemos: será que um espaço *público* é mesmo possível? Qual é, caso exista, o “destino” do espaço público? Seria um destino necessariamente trágico, de sufoco, desagregação, abandono, desaparecimento, privatização, morte? Ou teríamos alguma luz de esperança no fim do túnel (ressurreição, revitalização, renascimento)? Podemos imaginar outras metáforas que “morte e vida” para o espaço público? No processo de valorização do espaço, passamos necessariamente por umas fases de erosão, controle, homogeneização, vigilância, *merchandizing*? Passamos necessariamente do “estrangulamento” à “*disneylandifica-*

tion”, para retomar os termos de Nathalie Boucher (2013) a propósito do espaço público em Los Angeles?

Para Richard Sennett (1999), o cosmopolitanismo é sempre um (bom!) teste-chave da condição urbana, especialmente para avaliar a qualidade do espaço público. Em outros termos, “Sem a diferença religiosa, étnica e cultural, a cidade não tem a diversidade ecológica para se recombinar de maneiras novas e surpreendentes.” (PARKER, 2004, p. 156 – tradução nossa). A falta de diferença, de diversidade, acaba prejudicando a qualidade do espaço público.

Desde pelo menos *O declínio do homem público* (SENNETT, *op. cit.*), sabemos que a qualidade do espaço público não se entende apenas em termos de gestão institucional ou de desenho físico, mas sim essencialmente em relação à experiência social por ele proporcionada. O principal motivo do espaço público é/deveria ser de favorecer os encontros, criar redes de confiança, desempenhar funções de representação, receber movimentos de contestação sobre o uso desses espaços, precisamente, e debater sobre outros assuntos. Apesar de todas as forças globalizadas refletidas no desenho e na gestão dos espaços públicos contemporâneos, as pessoas e suas interações continuam sendo/devendo ser o verdadeiro coração dos lugares.¹¹

Talvez a história do espaço público seja de uma busca impossível do ideal de universalidade. Talvez também, finalmente, a verdade sobre o espaço público seja que ele nunca foi verdadeiramente público, que nunca houve realmente tal coisa como um espaço público (FRASER, 2007), e que o ideal de inclusão universal é apenas um ideal: necessário (como todos os ideais), mas não suficiente. Afinal, as perguntas últimas sobre o espaço público e sobre a cidade são as mesmas: espaço público *para quem?* Cidade *para quem?*

Junto com a produção do espaço público festivo, temos uma produção do hiperespaço: as tecnologias de imersão estão produzindo uma nova realidade que tende a se substituir à outra: é, conforme o oxímoro consagrado, a “realidade virtual”. Longe de ser paralelos, os dois processos se entrecruzando vão criando uma *realidade integral* entre esfera pública e privada, misturando

¹¹ No entanto, a tentativa de avaliação de *quanto* espaço público uma cidade precisa é uma questão que deve (ou deveria!) interessar aos urbanistas e arquitetos.

as fronteiras física e virtual, e brincando com todas essas esferas e fronteiras. A experiência urbana contemporânea é a de uma circulação ininterrompida entre esferas e fronteiras, agora desdobradas em um mundo físico e um outro, virtual. A tecnocultura é um convite permanente e em tempo real, à “diáspora mental das redes” (BAUDRILLARD, 1978). Confirmando definitivamente que o espaço público, não é mais verdadeiramente público, e que o espaço privado nunca foi realmente privado.

Mesmo pensando em *espaço público digital* ou *espaços híbridos*, em “pós-metrópolis” (SOJA, 2000), “paisagens pós-urbanas” (FELICE, 2009), ou quaisquer outras metáforas do tipo 2.0, não sabemos ainda o quanto profundamente a produção desses novos espaços afeta a nossa condição (pós-)humana. A *performance* do espaço público festivo é apenas uma nova forma de vigilância: *vigilância festiva*.¹² Depois da colonização pela lógica capitalista do mercado, a colonização da vida cotidiana pelas telinhas de celulares e *smartphones*. Virtualização da vida cotidiana pela imersão escapista nas redes, digitalização do aqui e agora, extensão da nova ideologia tecnocrática: inclusão *digital*, cidadania *digital*, democracia *digital*! A extraordinária violência deste movimento centrípeto não passa de uma forma de “solucionismo” radical e naturalizado,¹³ que vai se expandindo a todos os aspectos da vida. Os espaços (público, privado, físico, virtual) nunca foram tão vigiados, controlados, e paradoxalmente, nunca foram tão vulneráveis.

Retorno aos Estudos

A experiência urbana contemporânea é de um (des)equilíbrio permanente entre esferas do público e do privado, entre individualismo e sociedade de massa, entre estrutura e agência. As Ciências sociais, as Humanidades, os mais atuais Estudos de cultura urbana e Estudos culturais urbanos, e mesmo as “Humanidades digitais”, estão procurando pistas para uma nova dialética que consiga balancear ambas dimensões material e imaginária do espaço urbano, sem que uma esteja subordinada à outra, e (claro!) sem saber se isto é mesmo possível...

¹² Nos anos 1960 ainda, Herbert Marcuse falava de “tolerância repressiva” (MARCUSE, 1969).

¹³ O solucionismo é a crença segundo a qual todas as dificuldades têm soluções benignas, de natureza tecnocrática. Ver Mozorov, 2013.

Mais que nunca, a cultura urbana é também uma *tecnocultura* urbana, e o espaço urbano está cada vez mais fragmentado em vários níveis de realidades. Existem técnicas para evitar o contato visual ou físico na rua, formas de isolamento em ambientes mais ou menos exclusivos, táticas de presença-ausência na cidade. Temos uma experiência urbana cada vez mais *escapista*, e esquecemos de fato o quanto ela é sobredeterminada pela tecnocultura e pelos dispositivos de fuga-imersão.

Ao mesmo tempo, o cotidiano dá sinais de resistência, de uma forma que talvez Lefebvre ou Certeau não imaginariam. As formas de “ocupação” da rua, a “(re)apropriação”, a “retomada” dos espaços públicos são a expressão de uma nova prática do direito à cidade; a mobilização nas redes sociais é uma extensão cada vez mais naturalizada dessa prática. Muitas vezes no Rio de Janeiro, as práticas de ocupação dos lugares são pensadas e vividas como formas de *ocupar o lugar da violência*. Ocupar o lugar da violência com cultura, com *show*, evento, manifestação, intervenção artística, etc.

O espaço festivo ganha uma outra dimensão, mais orgânica, não planejada: é o carnaval de rua, o espaço da praia carioca, ou os “rolezinhos” nos *shopping centers* de São Paulo e pelo Brasil afora;¹⁴ são os momentos “roubados” contra uma vida cotidiana repetitiva, cansativa. Não é mais a “pacificação pelo cappuccino” de Zukin, mas sim uma forma (talvez efêmera mas que vai se espalhando, criando “legados”) de desafiar uma ordem urbana essencialmente violenta e excludente.

Aliás, a *pacificação pelo megaevento* (variante “excepcional” do cappuccino de Zukin?) é um fracasso notável no Brasil desde junho de 2013. Pois, o que leva multidões à *revolta contra o cotidiano urbano* não é o carnaval de rua: são os megaeventos esportivos, superimpostos e mega-abusados, com o seu lote de remoções “pipocando” na cidade sem nenhuma forma de planejamento ou política pública; são as infelizes manchas de todos os Amarildos desaparecidos nesses tempos funestos das “UPPs”.¹⁵

¹⁴ Sobre os rolezinhos, ver Caldeira (2014).

¹⁵ UPP: Unidade de polícia pacificadora. Não confundir com Unidade de pacificação da polícia, ainda não encontrada (como do resto o Amarildo)! No entanto, as assim chamadas UPPs vão sustentando a produção do novo espaço de uma favela agora conectada aos fluxos de circulação global, num Rio “mais

Pensando, agora aforisticamente, em “pontes” possíveis entre os Estudos culturais urbanos e a experiência urbana no Brasil, eu diria: não tenho certeza que o exílio de Lefebvre nos (híper)textos das Humanidades digitais fosse voluntário, nem feliz. Lefebvre está aqui no Brasil, em todas as cidades e nas redes sociais, reclamando o seu direito à cidade. *Transporte, saúde, educação, moradia*. Quanto aos Estudos de cultura urbana, achei que o desafio de ficar (ou focar!) no “aqui e agora” é tanto mais interessante quanto é de fato impossível! Ou seja: será que existe ainda um “aqui e agora” livre do seu avatar tecnológico: o presente imanente e permanente das redes? De fato, somos “capturados pela cidade”. E somos também, sem dúvida, cativados pela tecnocultura da cidade digital.

REFERÊNCIAS

1. BAUDRILLARD, Jean. *A l'ombre des majorités silencieuses, ou La fin du social*. Paris: Cahiers d'Utopie, 1978.
2. BIAL, Henry (ed.). *The Performance Studies Reader*. London & New York: Routledge, 2004.
3. BOUCHER, Nathalie. Back to the Future in LA: A Critical Review of History, and New Indicators of the Vitality of Public Spaces. In: MOMCHEDJIKOVA, Blagovesta M. (ed.). *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*, Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 87-103, 2013.
4. BRAKE, Michael. *Comparative Youth Cultures. The Sociology of Youth Cultures and Youth Subcultures in America, Britain and Canada*. London & New York: Routledge, 1985.
5. BULL, Michael, and BACK, Les (eds.). *The Auditory Culture Reader*. Oxford & New York: Berg, 2003.
6. BULL, Michael. *Sound Moves: iPod culture and Urban Experience*. New York: Routledge, 2007.

integrado e competitivo” (PLANO ESTRATÉGICO DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO 2009-2012; 2013-2016). Considerada a inextricável dimensão público-privada dessa “espécie de espaço” à la Georges Pérec, não é necessariamente com as mais vantagens competitivas que a favela consegue entrar no mercado altamente competitivo da economia criativa, do turismo, ou da especulação imobiliária. Mas com que *resiliência!* (Uma nova forma de sobrevivência).

7. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Novos Estudos*, n. 98, p. 13-20, Março 2014.
8. CARLSON, Marvin. *Performance Studies: A Critical Introduction*. New York: Routledge, 1996.
9. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998 (ed. orig. 1980).
10. CUSSET, François. *French Theory. Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux Etats-Unis*. Paris: La Découverte, 2005.
11. FELICE, Massimo di. *Paisagens pós-urbanas*. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.
12. FRASER, Benjamin. Manuel Delgado's Urban Anthropology: From Multidimensional Space to Interdisciplinary Spatial Theory. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, v. 11, p. 57-75, 2007.
13. _____. Inaugural Editorial: Urban Cultural Studies – A Manifesto (Part 1). *Journal of Urban Cultural Studies*, v. 1, n. 1, Intellect Ltd Editorial, p. 3-17, 2014.
14. _____. *Toward an Urban Cultural Studies. Henri Lefebvre and the Humanities*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
15. GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002 (ed. orig. 1959).
16. GROSSBERG, Lawrence, NELSON, Cary, e TREICHLER, Paula (eds.). *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1991.
17. HIGHMORE, Ben. *Everyday Life and Cultural Theory: An Introduction*. London & New York: Routledge, 2002a.
18. _____. (ed.). *The Everyday Life Reader*. London & New York: Routledge, 2002b.
19. JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (ed. orig. 1998).
20. KOSNOSKI, Jason. Rambling as Resistance: Frederick Law Olmsted, Michel de Certeau, and the Micropolitics of Walking in the City. *Situations: Project of the Radical Imagination*, v. 3, n. 2, p. 115-144, 2010.
21. LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche, 1947 (t. I), 1961 (t. II), 1981 (t. III).
22. _____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
23. _____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999 (ed. orig. 1970).
24. _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 (ed. orig. 1968).

25. LIVINGSTON, James. Corporations and Cultural Studies. *Social Text*, n. 44, p. 61-68, Autumn – Winter, 1995.
26. MARCUSE, Herbert. Repressive Tolerance. In: WOLFF, R.P., MOORE, B. Jr., & MARCUSE, H. *A Critique of Pure Tolerance*. Boston: Beacon Press, 1969, pp. 95-137.
27. MIRZOEFF, Nicholas (ed.). *The Visual Culture Reader*. London & New York: Routledge, 1998.
28. MITCHELL, Jon P. A Fourth Critic of the Enlightenment: Michel de Certeau and the Ethnography of Subjectivity. *Social Anthropology / Anthropologie Sociale*, v. 15, n. 1, p. 89-106, 2007.
29. MOMCHEDJIKOVA, Blagovesta M. (ed.). Special Issue: Urban Feel. *Streetnotes*, n. 18, Spring 2010.
30. _____. (ed.). *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013.
31. _____. Introduction: Urban Culture Studies. In: MOMCHEDJIKOVA, Blagovesta M. (ed.), *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 1-7, 2013.
32. MOZOROV, Evgeny. *To Save Everything, Click Here*. The Folly of Technological Solutionism. New York: PublicAffairs, 2013.
33. MUGGLETON, David. *Inside Subculture*. The Postmodern Meaning of Style. Oxford & New York: Berg, 2000.
34. _____, and WEINZIERL, Rupert (eds.). *The Post-Subcultures Reader*. Oxford & New York: Berg, 2003.
35. PARKER, Simon. *Urban Theory and the Urban Experience*. Encountering the City. London & New York: Routledge, 2004.
36. PLANO ESTRATÉGICO DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO 2009-2012. *Pós-2016. O Rio mais integrado e competitivo*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007.
37. _____. 2013-2016. *Pós-2016. O Rio mais integrado e competitivo*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2011.
38. PENLEY, Constance, ROSS, Andrew (eds.). *Technoculture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.
39. SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. New York: Routledge, 2002.
40. SCHWARTZ, Stephen Adam. Everyman an Übermensch: The Culture of Cultural Studies. *SubStance* 91, v. 29, n. 1, p. 104-138, 2000.

41. SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 (ed. orig. 1993).
42. SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2011 (ed. orig. 2001).
43. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973 (1903), p. 11-25.
44. _____. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v. 11, n. 2, p. 577-591, Outubro 2005 (1903).
45. SOJA, Edward. *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2000.